

CARTA ABERTA AOS SINDICALISTAS LIGADOS À CONLUTAS E INTERSINDICAL

ENCONTRAR O CAMINHO DAS MASSAS!

No último mês de junho falou-se na realização de duas Conclats (conferência da classe trabalhadora).

Num caso, era na verdade uma Assembléia da Classe Trabalhadora em 1º de junho, que reuniu 20 mil participantes no Estádio do Pacaembu em São Paulo, convocada por cinco centrais sindicais (CUT, Força Sindical, CTB, CGTB e Nova Central).

Noutro caso, um congresso realizado em Santos (SP), em 5-6 de junho, para operar a fusão da Conlutas, dirigida pelo PSTU, com um setor da Intersindical (outro recusou-se a participar de tal fusão) composto basicamente por militantes do P-Sol, que reuniu 3 mil delegados de sindicatos, movimentos populares e entidades estudantis.

A busca de uma relação artificial com a Conclat da Praia Grande (1981) realizada durante a ditadura militar, e que esteve na origem da fundação de CUT em 1983, não deixa de ser, nos dois casos, uma manipulação da história do movimento sindical.

Quem chegou até a chamar de "2ª Conclat" o ato do Pacaembu foi a CTB (dirigida pelo PCdoB), nascida da saída da CUT em 2007. Ela defende a "unidade" de cúpulas falsamente apresentada como continuidade da conferência de 1981. Naquela época, o PCdoB fazia bloco com os pe-

legos contra a fundação da CUT, integrado à estrutura sindical herdada do varguismo baseada no imposto sindical.

A CUT, por sua vez, nasceu da ruptura à época com os pelegos, na luta por um sindicalismo independente do Estado, e com uma plataforma combativa de bandeiras de classe e antiimperialistas.

Já a Assembléia do Pacaembu reduziu-se à apresentação aos candidatos as eleições de outubro de uma plataforma comum que não levanta sequer uma reestatização, uma medida antiimperialista ou a revogação da herança de FHC (LRF, OS's, etc.). É uma pauta rebaixada e voltada, na verdade, ao consenso com dirigentes de origem pelega, pois não foi submetida aos trabalhadores.

Na nossa opinião, tal pauta não pode e não deve impedir que a CUT aplique as decisões que tomou em seu próprio Congresso (agosto de 2009) quanto às reivindicações dos trabalhadores, o que inclui a luta por liberdade e autonomia sindical, com o fim do imposto sindical (o que as outras centrais não aceitam).

O FIASCO CONLUTAS-INTER- SINDICAL EM SANTOS

"As tentativas sectárias

de criar ou manter pequenos sindicatos 'revolucionários' como uma segunda edição do partido significa, de fato, a renúncia à luta pela direção da classe operária. É necessário colocar aqui um princípio inquebrantável: o auto-isolamento capitulador fora dos sindicatos de massa, equivalente à traição da revolução, é incompatível com a militância na IV Internacional.

(...) Preparar-se para a revolução significa, para os sectários, convencer-se a si mesmos das vantagens do socialismo. Propõem voltar as costas aos "velhos" sindicatos, isto é, às dezenas de milhões de operários organizados, como se as massas pudessem viver fora das condições da luta de classes real! Permanecem indiferentes à luta que se desenvolve no seio das organizações reformistas, como se pudessemos conquistar as massas sem intervir nesta luta!" (Programa de Transição, Leon Trotsky, 1938).

A Conclat convocada pela Conlutas e Intersindical para constituir uma nova entidade "combativa e de esquerda" dian-

te da “morte da CUT”, revelou-se um verdadeiro fiasco.

O evento explodiu depois da votação do nome da entidade, “Conlutas-Intersindical. Central Sindical e Popular”, por uma maioria de 60-65%. Os delegados ligados à Intersindical abandonaram o plenário, denunciando o hegemonismo da Conlutas!

Terminada essa fracassada Conclat, um documento da direção da Conlutas afirma que a retirada daqueles delegados provocou uma “derrota”, mas, linhas abaixo, diz que vai aplicar as deliberações do congresso. Vai constituir a tal Central Sindical e Popular, cujo próprio nome confunde o papel dos sindicatos de trabalhadores na luta de classe contra o patronato e o Estado burguês, ao dissolvê-los numa organização comum com entidades estudantis e movimentos populares, ao gosto dos “modernos” revisores do papel da classe trabalhadora, para quem tudo é “sociedade civil”.

O racha em torno do nome foi apenas o ponto alto (ou baixo) de um congresso que não adotou nada de concreto para ajudar a luta da classe trabalhadora, foi um torneio verbal sobre quem era mais “combativo”.

Não duvidamos que há companheiros e companheiras, tanto na Conlutas como na Intersindical, que buscam honestamente encontrar o caminho das grandes massas trabalhadoras, de cuja ação vai depender qualquer processo revolucionário no Brasil, como acontece no resto do mundo.

Hoje, esses companheiros e companheiras, frustrados, devem estar se perguntando: como é possível tanta fragmentação e falta de perspectiva entre aqueles que se auto-proclamam “combativos” e “revolucionários”?

Para nós, sindicalistas ligados à Corrente O Trabalho, que combatemos no movimento sindical cutista com uma política independente, por considerar a CUT uma conquista da classe trabalhadora brasileira e não propriedade de uma corrente (hoje, a majoritária Articulação Sindical), a explicação de fundo para esse episódio não pode ser encontrada em acusações fáceis de hegemonismo de uns ou de oportunismo de outros. Ela está na passagem do Programa de Transição que reproduzimos acima.

Com efeito, virar as costas para organizações de massa construídas pela própria classe para sua luta, equivale a abandonar milhões à influência de dirigentes que se pretenderia combater, e isolar-se num gueto de “combativos” que se entredoravam.

A perda da referência no grosso da classe e seu atual estágio de consciência (o que inclui as suas ilusões), acabando por jogar um papel não apenas divisionista e destruidor das organizações sindicais, mas desagregador também dos grupos políticos e correntes sindicais que seguem nessa via.

É isso que, em última instância, explica o impasse permanente de operações como essa de “unificação” da Conlutas com a Intersindical. Ao contrário de abrir uma via para as amplas massas – a classe operária que, depois de 8 anos de governo Lula, estaria supostamente madura para trocar a CUT por outra coisa “mais combativa” - elas acabam separando companheiros e companheiras valorosos do grosso dos trabalhadores.

Isso não quer dizer que não há problemas na CUT, evidentemente que eles existem.

De nossa parte buscamos atra-

vés de uma linha de luta pela frente única dos trabalhadores – quer dizer, de diálogo e iniciativas concretas pelas reivindicações mais sentidas da classe, além da disputa política no seu interior -, preservar a CUT como organização independente de qualquer governo, na luta pela Redução da jornada de trabalho para 40 horas sem redução de salário, a Retomada do monopólio do petróleo para a Petrobras 100% estatal, e a Retirada das tropas brasileiras do Haiti, entre outras bandeiras adotadas pela central.

E acreditamos que seria de enorme importância que esse combate fosse reforçado por outros companheiros.

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS,

É tempo de refletir e tomar decisões. O caminho do auto-isolamento sectário só levará a novas e seguidas divisões, as quais a classe trabalhadora assistirá com uma indiferença cada vez maior.

O caminho das massas é a intervenção nas organizações que a classe construiu com sua luta, com suas greves e mobilizações, como é o caso notadamente da CUT.

20 de junho de 2010

**Julio Turra,
João Batista Gomes,
Lourival Lopes e
Jacqueline Albuquerque,**

membros da
Direção Nacional da CUT

Contatos: julioturra@cut.org.br